

Variedades

Igreja lança vídeo sobre cultura dos índios Tapeba



Eusélio Oliveira registrando os aspectos culturais indígenas ainda existentes.



O rio Ceará, reserva de sobrevivência da comunidade Tapeba

“Tapeba — Resgate e Memória de uma Tribo” é o título do documentário/vídeo que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB NE 1, lançará por ocasião da Assembléia Regional, dia três próximo, às 20 horas, no Convento Nova Porciúncula, em Messejana. Os estudos elaborados por historiadores e mais recentemente pela Arquidiocese de Fortaleza sobre a causa indígena no Ceará, têm significado de largo alcance social, no que diz respeito aos indígenas Tapeba, residentes no município de Caucaia.

Com a participação especial das comunidades do rio Ceará, o documentário/vídeo, de 1h30min de duração, produzido este ano, com apoio de Dom Aloísio Lorscheider, “Conselheiro Indigenista Missionário — CIMI, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB NE I e HOJE — Assessoria em Educação, foi dirigido pelo cineasta Eusélio Oliveira, com pesquisa de José Cordeiro, narração de Orlando Santos e edição final de Edson Teófilo.

O PASSADO HISTÓRICO HOJE

Abrindo a série “Memória Indígena” o trabalho relaciona o passado histórico com a tradição oral dos remanescentes indígenas Tapeba — do tronco Tapuya —

localizados no município de Caucaia. Mostra as causas que levaram os Tapebas à perda de sua identidade tribal. Põe em destaque os elementos sócio-culturais ainda existentes, tais como o uso de ervas e poções no combate às doenças, as manifestações da espiritualidade primitiva e da posteriormente assimilada sob forma de sincretismo religioso e suas práticas artísticas e artesanais.

O relato remanescente da vida dos últimos chefes da tribo e a apresentação de provas documentais relativas à arqueologia e engenharia indígenas da região, também fazem parte de “Tapeba — Resgate e Memória de uma Tribo”. De igual modo, a produção distingue a solidariedade prestada pelas Comunidades Eclesiais de Base de Currais, Capivara e Açudinho, no município de Aracoiaba, por ocasião das ameaças de expulsão dos Tapeba residentes nos mangues e às margens do histórico rio Ceará.

O documentário/vídeo tenta, ainda, expressar a esperança dos Tapeba pela sua reunificação e reconquista da dignidade perdida, a partir da atuação pastoral da Arquidiocese de Fortaleza e das perspectivas de solução do problema da terra apontadas pela

Fundação Nacional do Índio — Funai e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA.

UM PERCURSO PALMO A PALMO

Muitas Nações indígenas viviam no Nordeste como um todo. Algumas na zona árida e outras na zona de praia, sendo diversificada sua caracterização cultural. Segundo os cronistas colonizadores, dentre os quais os missionários jesuítas, existiam dois grandes grupos ou troncos indígenas. Os Tupi-Guarani, habitantes da costa e os Tapuya, habitantes dos cerrados. Os Tapuya eram povos de cultura material mais simples, no entanto, do ponto de vista dos colonizadores, a forma como se uniam e se organizavam era mais complexa do que a dos Tupi-Guarani.

O documentário/vídeo “Tapeba — Resgate e Memória de uma Tribo” fala dos indígenas, remanescentes dos Tapuya, que vivem em Caucaia. O Centro de Documentação Etnológica, em Brasília, guarda o fato histórico de que “por força de Alvará, a aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres, de Caucaia, foi transformada em vila”. Quando aldeia, os Tapeba viviam sob a tutela dos padres Jesuítas,

cujo trabalho marcou significativamente os destinos das nações indígenas brasileiras.

Ao passar de aldeia à condição de vila, Caucaia recebe o nome de Soure, e, conseqüentemente, os padres jesuítas perdem a administração da Aldeia e os indígenas a sua proteção. Instalando-se a Vila de Soure em 15 de outubro de 1759, 144 anos depois retorna definitivamente ao primitivo nome de Caucaia, pela Lei no. 726, de 20 de agosto de 1903.

Registro histórico do Instituto do Ceará, de abril de 1922, depõe que sob o domínio dos indígenas, seus lugares ostentavam opulenta vegetação. Barra do Ceará, que das cartas holandesas de 1637 se vê dar entrada a navios de três mastros. Se referindo à enseada de Fortaleza, Barão de Studart cita que da “Barra do rio Ceará Ocidental” podia ancorar qualquer navio. No tempo de Santos Vilhena (1802) o rio Ceará era navegável até Soure, tendo 50 quilômetros de curso.

Ao atual mapeamento dos indígenas de Caucaia, a Arquidiocese de Fortaleza tomou como base as referências do histórico rio Ceará fornecidas pelos próprios Tapeba — que conhecem “palmo a palmo” e pelo nome todos os pontos do percurso.